

Setor de papel e celulose reduz uso da água em 75%

Há quatro décadas a indústria consumia 180 m³ a 200 m³ de água para produzir uma tonelada de celulose. Hoje, são 25 m³ por tonelada, em média

Por Rosangela Capozoli — Para o Valor, de São Paulo

22/03/2022 05h05 · Atualizado há uma semana

Grande consumidora de água, da qual depende tanto para o cultivo de florestas como para o processo industrial, a indústria de papel e celulose está redesenhando sua relação com recursos hídricos. Visto no passado como gerador de poluentes e captador não regulamentado de água dos rios, o quadro do setor mudou muito. “Desde a década de 1970, a indústria reduziu em 75% o uso de água em suas unidades fabris”, diz José Carlos da Fonseca Jr., diretor executivo da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá).

“Com os avanços que tivemos ao longo dos anos, hoje, em média, 82% da água retorna ao corpo hídrico, e muitas vezes melhor do que captada na fonte, após utilizada no processo produtivo”, reforça Paulo Cassim, coordenador da comissão técnica de meio ambiente da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel (ABTCP). Considerando os últimos 40 anos, diz, a recirculação da água no processo (reaproveitamento) é de 5,2 vezes em grandes fábricas integradas, a partir de modernas tecnologias. Dentre elas, ele cita o fechamento de circuito com o uso de torres de resfriamento, o reciclo e o aproveitamento de filtrados nas lavagens.

Há quatro décadas, afirmam, a indústria consumia 180 m³ a 200 m³ de água para produzir uma tonelada de celulose. Hoje, são 25 m³ por tonelada, em média. E os planos apontam reduções ainda maiores. “Para 2030, as principais indústrias têm

anunciado recuos entre 20% e 30% do consumo atual”, afirma Cassim, que também é especialista corporativo de saúde, segurança do trabalho e meio ambiente da Sylvamo.

Em busca da redução do consumo de água, o setor tem investido mais de R\$ 600 milhões ao ano apenas na parte industrial. Segundo o executivo da Ibá, a área de árvores cultivadas aplicou entre 2016 e 2019, período recessivo, R\$ 18 bilhões. A área plantada pelas empresas é de 2,9 milhões de hectares. “Atualmente há investimentos em andamento ou previstos de R\$ 53,2 bilhões até 2024. São recursos que visam também aumentar a tecnologia e eficiência para uso ainda mais responsável e consciente de recursos naturais”, diz.

A corrida pelo aumento da produção é acompanhada pela busca da redução do consumo. A Klabin diminuiu, desde 2004, cerca de 48% o uso da água por tonelada produzida. “Não é possível produzir papel e celulose sem água, assim como não é possível plantar e obter o crescimento de florestas”, diz Francisco Razzolini, diretor de tecnologia industrial, inovação, sustentabilidade e projetos da Klabin. “A maior parte da água é oriunda da captação de rios próximos às unidades e, após o uso, é tratada e devolvida atendendo aos padrões de qualidade”, destaca.

A Bracell devolve aos rios 85% da água captada, contra 82% da média do setor. “Nossa meta é chegar aos 90% tão logo a operação das novas linhas esteja estabilizada”, diz Pedro Stefanini, vice presidente sênior. A nova fábrica do grupo é pioneira no tratamento terciário de efluentes, “o que faz com que a água seja devolvida ainda mais limpa para o rio”, diz.

A Suzano, maior produtora mundial de celulose, estabeleceu como meta a redução de 15% na captação até 2030, tomando como base 2018. “Em 2021, atingimos o valor de 26,3 m³ /t captada para nossas operações industriais, um resultado melhor do que o objetivo de 28,6 m³ /t previsto para o ano”, diz Hamilton Zanola, gerente corporativo de ESG da Suzano.

A meta de redução integra os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, que têm a adesão da Suzano. Segundo Zanola, a companhia busca sensibilizar os parceiros considerando que a solução, principalmente da crise hídrica, passa por diversas frentes de ação, desde o uso e gestão eficiente dos recursos naturais até práticas de mitigação de potenciais riscos.